

UNIÃO REAL CAMINHO

ENREDO 2026: Mãos Mineiras que Tecem Mundos

Na passarela da vida, onde o asfalto cede lugar ao pano e o enredo se escreve com a ponta de uma agulha, o bordado mineiro se manifesta como o abre-alas de uma existência que resiste. Sabe-se que o luxo não reside apenas no brilho das paetês ou na imponência dos carros alegóricos, mas na densidade das memórias que cada fio carrega. A arte de bordar não é apenas um ofício; é o samba-enredo de gerações, uma herança que dança entre o avesso e o direito, entre a dor da lama e o colorido da linha.

As mãos destas Minas Gerais, operam como artesãs. Elas conhecem o ritmo do ponto livre, dos movimentos tecidos com fé e o rigor do Richilieu, técnicas que, assim como o Carnaval, transformam o simples algodão em manto de nobreza. No Carnaval, aquela "gente empenhada em construir a ilusão" — escultores, pintores, bordadeiras — é quem dá alma ao espetáculo. Da mesma forma, o bordado é a "voz" destes artistas das tramas, uma forma de comunicação que rompe o silêncio imposto pelas tragédias da vida.

O bordado é, em essência, o lazer que vira trabalho e a terapia que vira arte. É a meditação em movimento que, como o "esquenta" de uma bateria, prepara o espírito para a grande celebração da vida. Quando o mar de lama tentou apagar as cores da cidade, tingindo as histórias de marrom alaranjado, o bordado serviu como o "band-aid em um coração ferido", a mesma catarse que o sambista sente ao atravessar a passarela após tempos de isolamento.

Viver o bordado é viver o Carnaval...

No mergulhar das dramatizações de fios e agulhas contamos a história do Cerrado, das matas. Em Minas, o bordado é samba-enredo. O Richilieu talha a nobreza barroca, enquanto o ponto livre flui como improvisado de mestre. O matiz pinta o tecido com o colorido das fantasias e o crivo entrelaça a lusitana herança ao algodão mineiro. Mãos que desfiam a dor para tecer a vida em tramas de pura resistência e beleza. É uma "oratória da materialidade", onde o artefato fala o que a boca cala, resistindo à invisibilidade social através de cada ponto que é, em si, um pensamento.

No Carnaval das mãos mineiras, o barracão é a sala de casa, a luz do dia é o refletor da avenida e a arquibancada é a vizinhança que se reúne para ver o mundo nascer em cada pano de prato ou vestido de gala.

Essas mãos tecem mundos!

O passado e o presente se encontram num "dois pra lá, dois pra cá". São ritmos forrozeados, em bordados falantes, nas mãos dançantes, em linhas sinuosas e na precisão da agulha. E aí está! A arte surge entre tecidos, suor, sorrisos e resistência. Bordemos a força que não calou, a arte de improvisar a esperança quando o enredo parece perdido.

Enquanto houver uma agulha e o desejo de criar, a passarela continuará iluminada pelas cores da resiliência, provando que o verdadeiro espetáculo é a dignidade tecida ponto a ponto. Das nossas mãos e das nossas Minas, tecemos nosso mundo... e todos os outros.